RELAÇÕES DE FAMÍLIA NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS*

Temendo ser considerado indiscreto pelos leitores contemporâneos, afirma o narrador de um dos contos de Machado de Assis a certeza de não ser condenado pelos pósteros, que o leriam com disposição diversa: "... Mas deixai pingar os anos na cuba de um século. Cheio o século, passa o livro a documento histórico, psicológico, anedótico. Hão de lê-lo a frio; estudar-se-á nele a vida íntima do nosso tempo, a maneira de amar, e de compor os ministérios e deitá-los abaixo, se as mulheres eram mais animosas que dissimuladas, como é que se faziam eleições e galanteios, se eram usados xales ou capas, que veículos tínhamos, se os relógios eram trazidos à direita ou à esquerda, e multidão de coisas interessantes para a nossa história pública e íntima."

Embora atribuísse este juízo a um autor fictício, não ignorava quem o formulava o valor de depoimento que assumiria mais tarde sua obra, nem desprezaria revelar, também nesse plano subsidiário – mas não sem interesse – a sua probidade, a sua escrupulosa isenção, e até a sua ânsia de perfeição. Como informante, não parece Machado de Assis ter sido menos exigente consigo mesmo do que como artista, atento às datas, aos acontecimentos sociais e políticos, não desdenhando deter-se em minúcias, sempre acurado, exato e preciso.

Há todavia um ponto em que lhe falhou, e falhou sistematicamente, o apuro na reconstituição dos costumes de sua época. Infidelidade tanto mais estranhável, tanto mais difícil de explicar quanto se prende a um aspecto básico e evidente da sociedade oitocentista: a constituição da família. Não será necessário coligir dados para mostrar quão numerosa era em regra esta, abrolhando em pencas de crianças a maioria das mulheres, que muitas vezes literalmente se esvaíam na procriação, pois se não morriam de parto cedo envelheciam, perdiam com as maternidades repetidas as graças femininas, passavam a viver através da prole. Ora, em Machado de Assis, quase só existem

* Artigo originalmente publicado na edição comemorativa do cinquentenário da morte de Machado de Assis da *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, ano III, n. 11, set. 1958. Agradecemos ao Sr. Gabriel Fonseca, herdeiro de Lúcia Miguel Pereira, a permissão de publicar o artigo nesta edição da *Machado de Assis em linha*.

famílias pequenas, pequenas mesmo para os padrões atuais, elevando-se portanto em seus livros a hábito generalizado o que no momento representaria uma exceção.

Salvo engano, a maior irmandade é a do pai das "Primas de Sapucaia", "o único, de cinco irmãos, que lá ficou lavrando a terra e figurando na política do lugar." Poderia ter sido mais avantajada a descendência do herói de "O programa", mas "dois pequenos morreram-lhe de sarampão; o último nasceu morto. Ficou reduzido a quatro filhos." Quatro filhos surgem ainda em "Encher tempo" e "As Bodas de Luís Duarte", três em "Um ambicioso". Esses raros exemplos de fecundidade, fornecidos aliás por figuras secundárias – a não ser a de "O programa" – e mais alguns poucos que me possam ter escapado, se compensam, nos contos, por uma teoria de casais estéreis ou só uma vez frutificando; se os somarmos aos viúvos e viúvas nas mesmas condições, não andarão longe da centena. E nos romances creio não errar dizendo que não há personagem destacada com mais de dois filhos, sendo mais comuns as de um só, e várias as de nenhum.

Em *Ressurreição,* Lívia possui apenas um irmão e um filho; filha única é sua rival Raquel, e Félix parece nascido por geração espontânea, não havendo sequer alusão a nenhum parente seu. Em *A mão e a luva,* Guiomar, filha única, é adotada pela madrinha, que perdera a única filha, e reparte o carinho entre a afilhada e o sobrinho, único filho da irmã morta; filho único é ainda o Luís Alves com quem se casa a moça, e nenhuma menção se faz da família de seu primeiro namorado, Estêvão. Em *Helena,* tanto a heroína quanto seu suposto irmão e a noiva deste são filhos únicos, o mesmo acontecendo a Iaiá Garcia, sua madrasta e o amado de ambas, bem como ao par amoroso de *Casa velha.* Nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o herói, que se felicita por não haver transmitido "a nenhuma criatura o legado de nossa miséria", tem uma irmã, mãe de uma menina, e Virgília, filha única, também só uma vez foi mãe. No *Quincas Borba*, era, a despeito de seu esplendor físico, maninha a faceira Sofia, e seu apaixonado Rubião, que poderia registrar um "pequeno saldo" idêntico ao do Brás Cubas, tivera uma só irmã, assemelhando-se nisso a Maria Benedita. No *Dom Casmurro*, Bentinho, Capitu e sua amiga Sancha, filhos únicos, seguem o exemplo dos pais, Escobar tem uma irmã. No *Esaú e Jacó*, é unigênita Flora, e seus queridos Paulo e Pedro, sendo gêmeos, talvez representem um logro pregado pela natureza a quem esperava uma só criança. No *Memorial de Aires*, Tristão e Fidélia, filhos únicos,

consolam da "orfandade às avessas" o casal Aguiar, cujos amigos, Aires e sua irmã Rita, haviam ambos deixado os filhos "no berço do Nada".

Esta longa enumeração, monótona e repisada, não o é mais do que a estrutura das famílias machadianas, constantes no desmentido aos hábitos de seu tempo, reincidentes na economia dos membros essenciais. Poder-se-ia supor que o romancista, desejoso de concentrar-se no estudo dos caracteres, no comportamento de cada personagem, evitava multiplicar os figurantes – mas se assim fosse não as dotaria, as famílias, de tantos elementos laterais, tios, primos e até agregados, todos atuantes, participando dos conflitos, exigindo atenção. Que o terá então levado a reduzir, ao arrepio da realidade, à qual no resto se submeteu, a fertilidade feminina? O modelo, que teria gravado no subconsciente, do lar onde nascera? A sua própria situação doméstica? Ou uma certa, não direi aversão, mas desconfiança, pela germinação, pela floração, pelos símbolos do prazer, do instinto satisfeito, dos lados solares da existência? Parece significativa a passagem do delírio do Brás Cubas onde registra o que a vida concede de "menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, os aspectos da terra, o sono, enfim, o maior benefício [...]". Note-se que as referências à aurora e à paisagem, sugestivas talvez de imagens risonhas, são as menos apoiadas, as mais breves, não reforçadas, como as demais, pelas reações que provocam. Também na sua já muito apontada predileção pelas viúvas – fá-las as figuras centrais de grande parte, senão da maioria, de seus contos de amor, assim como de seu primeiro e de seu último romance – não haverá como que uma tácita desvalorização da virgindade, da inocência, da pureza intocada, e, por extensão, da criança?

Seja como for, seja pelo que for, o certo é que priva os casais de cumprirem com abundância o ofício gerador, evita robustecer as famílias pela transmissão da vida, como se isso fosse nocivo, ou pelo menos indiferente, à organização de seu mundo. O mesmo Romualdo de "O programa", o mais prolífico de seus pais, se encontra nos filhos "a melhor das compensações", é que de consolo necessitava para suportar a mediocridade da existência, tão diversa da sonhada, e diversa, em boa parte, porque o absorviam os cuidados financeiros, visto como "seis filhos não se educam nem se sustentam com seis vinténs." Mas, embora algumas vezes pesada, a paternidade parece em suas personagens mais profunda e plenamente sentida do que a maternidade. Deixa-o fora de dúvida o conto "Pai contra mãe". Posto que também o desejasse a mãe – a qual, durante a

gravidez, "vivia já com ele, media-lhe as fraldas, cosia-lhe as camisas" – o filho do casal sem recursos foi sobretudo amado pelo pai. Ao narrar-lhe o nascimento, nem alude o autor à reação materna, mas acentua que "a alegria do pai foi enorme, e a tristeza também", por não saber como criá-lo. O mesmo se dá ao insistir a tia para que o pusessem na Roda: ao passo que o pai "mal pôde esconder a dor", "cogitou de mil modos de ficar com o filho", da mãe sabe-se apenas "que se mostrou resignada". No final, tendo conseguido conservar a criança, pega-a o marido com "fúria de amor", a tia "perdoou a volta do pequeno", e eis tudo; a mulher não se manifesta. Passividade? Indiferença? Talvez haja, no fundo do menor apego da mulher machadiana ao filho, uma obscura revolta contra os sacrifícios que este lhe exige. Pelo menos duas personagens, Natividade e Virgília, deixam perceber esse estado de espírito, oposto ao masculino, que era todo orgulho de procriar.

No *Esaú e Jacó*, ao verificar-se grávida Natividade, "Santos sentiu mais do que ela o prazer da vida nova". "A emoção atava-lhe a língua, os olhos que estendia à esposa e a cobriam eram de patriarca; o sorriso parecia chover luz sobre a pessoa amada, abençoada e formosa entre as formosas." "Natividade não foi logo, logo, assim; a pouco e pouco é que veio sendo vencida e tinha já a expressão da esperança e da maternidade. Nos primeiros dias, os sintomas desconcertaram a nossa amiga. É duro dizê-lo, mas é verdade. Lá se iam bailes e festas, lá ia a liberdade e a folga. [...] a que vinha agora uma criança deformá-la por meses, obrigá-la a recolher-se, pedir-lhe as noites, adoecer dos dentes e o resto? Tal foi a primeira sensação da mãe, e o primeiro ímpeto foi esmagar o germe. Criou raiva ao marido. A segunda sensação foi melhor. A maternidade, chegando ao meio-dia, era como uma aurora nova e fresca. Natividade viu a figura do filho ou filha brincando na relva da chácara ou no regaço da aia, com três anos de idade, e este quadro daria aos trinta e quatro anos que teria então um aspecto de vinte e poucos..."

"Foi o que a reconciliou com o marido. Não exagero; também não quero mal a esta senhora. Algumas teriam medo, a maior parte, amor. A conclusão é que, por uma ou por outra porta, amor ou vaidade, o que o embrião quer é entrar na vida".

Por nenhuma dessas duas portas conseguiu passar o que se formava no ventre de Virgília, e lá mesmo desandou, "naquele ponto em que se não distingue Laplace de uma

tartaruga." Teria a mãe realizado o que em Natividade não passara de veleidade, e "esmagado o germe"? Não o diz o narrador, mas observa que se amuava sempre que lhe falava no filho. "Não gostava de semelhante alusão, aborreciam-lhe as [...] antecipadas carícias paternais" do amante. Não por ser adulterina a criança, mas por "medo ao parto e vexame da gravidez. Padecera muito quando lhe nasceu o primeiro filho; e essa hora, feita de minutos de vida e minutos de morte, dava-lhe já imaginariamente os calafrios do patíbulo. Quanto ao vexame, complicava-se ainda da forçada privação de certos hábitos da vida elegante". Apesar de egoísta, e de não poder proclamar a paternidade, Brás Cubas, ao contrário, vibra como Santos, ao saber que seria pai: "Um filho! Um ser tirado do meu ser! Esta era a minha preocupação exclusiva daquele tempo [...]. Eu só pensava naquele embrião anônimo, de obscura paternidade, e uma voz secreta me dizia: é teu filho. Meu filho! E repetia estas duas palavras, com certa voluptuosidade indefinível, e não sei que assomos de orgulho. Sentia-me homem."

"O melhor é que conversávamos os dois, o embrião e eu, falávamos de coisas presentes e futuras. O maroto amava-me, era um pelintra gracioso, dava-me pancadinhas na cara com as mãozinhas gordas, ou então trajava a beca do bacharel, porque ele havia de ser bacharel, e fazia um discurso na Câmara dos Deputados. E o pai a ouvi-lo de uma tribuna, com os olhos rasos de lágrimas. De bacharel passava outra vez à escola, pequenino, lousa e livros debaixo do braço, ou então caía no berço para tornar a erguer-se homem. Em vão buscava fixar no espírito uma idade, uma atitude: esse embrião tinha a meus olhos todos os tamanhos e gestos: ele mamava, ele escrevia, ele valsava, ele era o interminável nos limites de um quarto de hora – *baby* e deputado, colegial e pintalegrete. Às vezes, ao pé de Virgília, esquecia-me dela e de tudo; Virgília sacudia-me, reprochava-me o silêncio; dizia que eu já lhe não queria nada. A verdade é que estava em diálogo com o embrião; era o velho colóquio de Adão e Caim, uma conversa sem palavras entre a vida e a vida, o mistério e o mistério."

Outro pai deslumbrado é Camargo, de *Helena*, o qual, posto que "com todos os sinais visíveis de um grande egoísta", "amava sobre todas as coisas e pessoas uma criatura linda – a linda Eugênia, como lhe chamava –, sua filha única e flor de seus olhos." Quando ela dançava, "a alma do pai voava enrolada nas pontas da fita que apertava a cintura de Eugênia, não regressando ao domicílio senão quando a moça parava." "Naquele homem cético, moderado e taciturno, havia uma paixão verdadeira,

exclusiva e ardente: era a filha. Camargo adorava Eugênia: era a sua religião. Concentrava esforços e pensamentos em fazê-la feliz [...]." "Violento, escravo e cego", esse amor não seria todavia gratuito, nem generoso em seus motivos secretos, já que "era uma maneira que o pai tinha de amar-se a si próprio. Entrava naquilo uma larga soma de fatuidade. Menos graciosa, Eugênia seria, talvez, menos amada. Ele contemplava-a com o mesmo orgulho com que o joalheiro admira o adereço que lhe saiu das mãos. Era a ternura do egoísta; amava-se na própria obra." Já o pai de Helena, que se apaga para fazê-la feliz, amava com abnegação, privava-se da "força que possui o sorriso de uma filha para dissolver as tristezas acumuladas na fronte de um homem", e "de todos os sacrifícios que o coração humano pode fazer", aceitou o "maior e mais doloroso" – o da própria paternidade.

"Sim, meu pai adorava-me", "meu pai, que seria capaz de me dar o sol, se eu lho exigisse [...]", rememora Brás Cubas, que fala da mãe friamente, sem lhe mencionar demonstrações de carinho. Também o seco Luís Garcia sabe fazer-se terno para a sua Iaiá, cujo contato lhe acendia no rosto "um reflexo de juventude que lhe dissipava as sombras acumuladas pelo tempo"; correspondendo-lhe a menina ao afeto, "ele e ela eram, um para o outro, toda a terra e todo o céu." Já o pai de Estela, do mesmo livro, talvez amasse muito a filha, mas a seu jeito, vale dizer como subserviente e interesseiro, querendo-a menos por si do que pela situação brilhante à qual poderia ascender se se casasse rica. Terá provavelmente a mesma origem o enlevo com que Pádua mirava Capitu, de namoro com Bentinho. Mas no *Dom Casmurro* há um pai apaixonado, o de Sancha, que "morria pela filha", e anunciou "que se mataria" quando, vendo-a doente, pensou perdê-la. Aliás, ao próprio Bentinho, nada "matava a sede de um filho, um triste menino que fosse, amarelo e magro, mas um filho, um filho próprio da minha pessoa [...]. A minha alegria quando ele nasceu, não sei dizê-la; nunca a tive igual, nem creio que a possa haver idêntica, ou que de perto ou de longe se pareça com ela. Foi uma vertigem e uma loucura". Neste caso, todavia, "a mãe não era menos terna para ele". Mas o suicida de "Último capítulo", rememorando "a esperança suprema e única" que lhe deu o anúncio do filho, contando como lhe preparara o enxoval e o berço, "pronto a bailar diante dele como Davi diante da arca", nem alude aos sentimentos da mulher, certamente mais serenos, visto ser "boa por apatia". Mateus, de "Um ambicioso", "concentrara todo seu coração" no filho único, e, comerciante embora, nele "a

paternidade falou mais alto que o dinheiro". Jorge Aguiar, de "O caminho de Damasco", só tinha na vida "um ponto negro". "Não era o pai. O pai de Jorge tinha-lhe aquele amor cego que não vê senões no objeto querido [...]. O ponto negro era a mãe de Jorge [...] senhora austera e respeitável, mas impertinente, rusguenta e despótica". Outro rapaz, o de "Troca de datas", "foi criado por um pai severo e uma mãe severíssima". E não sei de nenhum pai machadiano capaz do destempero de D. Benedita, que, por motivos insignificantes, tomou-se de "uma grande vontade de esganar a filha, dizendo consigo mesma que a pior coisa do mundo era ter filhas. Os filhos ainda vá: criam-se, fazem carreira por si; mas as filhas!"

Não trairá uma larvada indisposição contra as mães o esquecimento de uma delas, que some no meio da narrativa? O caso ocorre no conto "A parasita azul", no qual o filho de um fazendeiro, estudante em Paris, lá recebia, "por ocasião da Páscoa e do Natal, amêndoas e confeitos que a mãe lhe mandava". Demorando-se porém o moço, só se fala das lágrimas de alegria do pai ao receber-lhe as cartas, e das que, vindas "de um coração ainda viçoso de afetos e exuberante de ternura", verteu ao abraçá-lo após a longa ausência. Da mãe, nem uma palavra, ao menos para esclarecer o fim que levou; era como se, ocupando tão pouco lugar, pudesse desaparecer, volatilizar-se sem ninguém dar por isso – nem o marido, nem o filho, nem os amigos e parentes, reunidos para festejar o viajante, nem mesmo o autor.

Não se conclua entretanto de tudo isso que não haja boas mães em Machado de Assis; há-as, ao contrário excelentes, mas menos numerosas, e sobretudo muito menos vibrantes e expansivas do que os pais. Em *Ressurreição* aparece "o tipo da mãe de família [...] mistura de austeridade e meiguice, de extrema bondade e extrema rigidez". Também a mãe de Guiomar "não tinha outro cuidado na terra, nem outra ambição mais, que a de vê-la prendada e feliz, e sua morte foi, para a menina, um "fundo golpe [...] o primeiro que ela verdadeiramente pôde sentir, e o maior que a fortuna lhe desfechou"; no mesmo livro, *A mão e a luva*, a perda da filha "quase levou" a baronesa "à sepultura". Esposa infeliz, a mãe de Estácio, "como a ternura era elemento essencial de sua organização, concentrou-a toda naquele único filho". Capaz dessa "dedicação silenciosa, oculta, vulgar nas mães", a Valéria de *Iaiá Garcia* prefere entretanto para o filho o risco da guerra ao casamento obscuro, patenteando assim que dava maior preço às convenções do que à felicidade e até à vida do rapaz. Carinhosa era a mãe de

Bentinho, mas convencida de que lhe poderia dispor do futuro, já que, "tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, [...] pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometeu, se fosse varão, metê-lo na Igreja"; adiava porém a entrada para o seminário, por "terror de separar-se" dele; e o filho lhe retribuía o amor, achando-a "adorável, como uma santa". "Santa senhora" chamava também Rubião à sua, acrescentando: "As mães são sempre boas; mas daquela ninguém que a conheceu poderá dizer outra coisa senão que era uma santa [...]. Os escravos davam-lhe o nome de *Sinhá Mãe*, porque era, realmente, mãe para todos." A mesma Natividade, a quem tanto repugnara a gravidez, esmerava-se em cuidados com os gêmeos, "vivia [...] enamorada" deles. No *Memorial,* Aires lê uma carta da mãe de Tristão, "efetivamente terna, ainda que derramada, mas ternura de mãe não conhece sobriedade de estilo." Há nos *Contos fluminenses* uma senhora para cujos "olhos e ouvidos de mãe" o filho superava em graça todos os mancebos do mundo, e outra que "vivia só para a filha"; aí se diz que "o amor materno é a melhor retórica deste mundo".

Mas nem todas as mães serão assim, ou, melhor, nem todas, incluídas estas, o são sempre. E o próprio carinho lhes pode servir até para encobrir uma secreta hostilidade. Assim é que no conto "Uma senhora" a mãe vaidosa, já não conseguindo esconder a filha, moça feita, "e, por mal dos pecados, bonita", resigna-se a levá-la a um baile, onde a viu brilhar. Note-se que a "adorava" e "saboreou-lhe a glória a tragos demorados". Mas "no fundo do copo achou a gota amarga e fez uma careta." Não tardando porém a descobrir que a sua própria beleza "era mais perfeita, e apesar dos anos superava" a da jovem, entrou a exibi-la por toda a parte. "Não vamos ao ponto de crer que o sentimento da superioridade é que animava D. Camila a prolongar e repetir os passeios. Não: o amor materno, por si só, explica tudo. Mas concedamos que animava um pouco." Não obstante, achando-a de uma feita particularmente "graciosa e lépida", fitou-a "com inveja"; e quando surgiu o primeiro namorado, logo "viu iminente o primeiro neto, e determinou adiá-lo", embora contrariando a inclinação da filha. Esta acabou afinal por se casar, a despeito da relutância da mãe, que "aguardava o neto com amor e repugnância. Esse importuno embrião, curioso da vida e pretensioso, era necessário na terra? Evidentemente não." Mas nasceu, e a recalcitrante avó, em breves meses, era vista na rua, acompanhada da preta que o levava ao colo. "Ela, porém, ia tão apertadinha, tão cuidadosa da criança, tão a miúdo, tão sem outra senhora, que antes

parecia mãe do que avó; e muita gente pensava que era mãe. Que tal fosse a intenção de D. Camila, não o juro eu ('Não jurarás', Mat. V. 34). Digo somente que nenhuma outra mãe seria mais desvelada do que D. Camila com o neto; atribuírem-lhe um simples filho era a coisa mais verossímil do mundo." Nos *Contos fluminenses* existe aliás uma antecessora desta senhora, experimentando "terror" ao pensar no casamento da filha: "Eu tenho medo por causa dos filhos dela, que serão meus netos. A ideia de ser avó é horrível [...]." Não por vaidade, mas por "egoísmo idoso e melindroso", por necessitar antes ser amada do que amar, outra mãe preferia solteira a filha, a fazer-lhe companhia na fazenda; e instando esta por ficar na Corte, a fim de aperfeiçoar a educação, "bradou que não, ou então deixasse de ser sua filha; podia ficar, tocar, cantar, falar cabinda ou a língua do diabo que os levasse a todos." Não raro as mães jovens afagam os filhos para disfarçar perturbações comprometedoras; será o caso de Virgília, a qual, conversando com Brás Cubas, e surpreendida pelo marido, já suspeitoso da ligação, "levantou-se, deu um beijo no filho, com um ar de alegria pueril, que destoava muito da figura", e ainda mais da espontaneidade de Lobo Neves, que acolheu o menino com "uma verdadeira expansão de jovialidade [...] tomou-o nos braços, levantou-o ao ar, beijou-o muitas vezes". Também a Lívia, de *Ressurreição,* posto que amasse muito o filho, fê-lo comparsa inocente de seu namoro, levando-o consigo à casa de Félix, acariciando-o para ocultar o enleio amoroso; logo após ele perguntar ao médico por que não se casava com a mãe, esta foi encontrada "a abraçar e beijar" o menino, sem "razão imediata para aquela explosão de ternura" a não ser a ingênua alcovitice; e na cena do rompimento, abraçou-se ao filho, "em cujo seio escondeu o rosto", num gesto muito mais de protegida do que de protetora; é verdade que, desfeito o segundo noivado, em educá-lo "concentra todos os esforços", advertindo porém o autor que o quer "para consolo e companhia da velhice". Esse arrimo buscado em quem o deveria receber provoca, no *Memorial de Aires*, a alusão à "orfandade às avessas" e a afirmação de que "toda filha moça é eterna para a mãe envelhecida". Para Eulália, a prima desprezada pelo herói de *Iaiá Garcia,* o encarecimento do carinho representou antes um desforço do orgulho ferido; diante do rapaz, desmanchou-se em agrados à criança, exibindo "toda a destreza materna [...] com uma graça e poesia que Jorge estava longe de lhe supor", talvez exagerando "a felicidade para melhor mostrá-la."

Intencionalmente ou não, Machado de Assis atribui maior gratuidade, mais generosa dedicação às mães adotivas, "postiças", como lhes chama – quem sabe se por não lhes terem custado os filhos os sacrifícios da gestação e as dores do parto, causas, em algumas mulheres, como já foi verificado, de obscuros ressentimentos. A baronesa de *A mão e a luva* chega a "sentir remorsos" por não ter querido "mais, nem talvez tanto" à filha morta quanto à afilhada pela qual inteiramente a substituiu. Ao casar-se Guiomar, derramou lágrimas como "nenhuma mãe as verteu mais sinceras, e [...] nenhuma filha as recebeu mais dentro do coração." A "fonte de ternura" encerrada no íntimo da suposta tia de Helena jorrou "livre e impetuosamente" ao contato da jovem; para louvá-la, "as palavras subiam do coração à boca sem atenuação nem cálculo; fez-se carinhosa e mãe", a tal ponto que, parecendo embora culposo o procedimento de Helena, manteve-se a senhora serena e confiante, graças à "força secreta que a tornava surda ao clamor da realidade" – ao amor que nenhuma dúvida abala. "Amaste-me como tinhas amado tua mãe, e eu amei-te como se foras minha filha", diz a Iaiá Garcia a madrasta. A Flora do *Esaú e Jacó* entendia-se melhor com a sonhada sogra do que com a mãe, achava entre uma e outra "uma diferença, uma coisa..." que a fazia pender para Natividade, querer-lhe "como se ela fosse sua mãe". Tristão, mimado pela mãe e pela madrinha, "repartia-se bem com ambas, preferindo um pouco mais a mãe postiça. A razão podiam ser os carinhos maiores, mais continuados, as vontades mais satisfeitas e finalmente os doces, que também são motivos para o infante, como para o adulto"; adoecendo o menino, a aflição de D. Carmo culminou em "alguns minutos de desespero", "a mãe era mãe, sentiu de certo, mas [...] não tanto; é que haverá ternuras atadas, ou ainda moderadas, que não se mostram inteiramente a todos."

Por seu lado, podiam as crianças ser capazes de dureza, de indiferença completa, como aconteceu a Bentinho ao saber doente a mãe: "Mamãe defunta, acaba o seminário", ou ao narrador de "Umas férias", julgando ter sido mandado buscar ao colégio para alguma festa, e deparando com o pai morto. "Que essa queda de um sonho tão bonito fizesse crescer a minha dor de filho não é coisa que se possa afirmar ou negar: melhor é calar. O pai ali estava defunto, sem pulos, nem danças, nem bandas de música, nem risadas, coisas todas também defuntas. Se me houvessem dito à saída do colégio porque é que me iam lá buscar, é claro que a alegria não houvera penetrado o

coração, donde era agora expelida a punhadas", mas não para tão longe que não voltasse, e "total" ao entrar de luto na escola, "mirado com curiosidade" pelos colegas.

Tão friamente realista ao decompor os sentimentos maternos e filiais, o escritor, do mesmo modo por que enaltece sem reservas as mães adotivas, faz-se indulgente para fixar as relações entre tios e sobrinhos, baseadas na dedicação daqueles, no seu senso muito amplo da solidariedade familial. Movido por este, o Major Vilela, embora já sustentasse a sobrinha e uma parenta velha, "abre a porta e o coração" ao sobrinho boêmio, como se fosse seu dever abrigá-lo; no mesmo livro, *Contos fluminenses,* uma viúva moça mora com a tia "inteiramente escrava da sua vontade", um boticário dá "casa, cama e mesa" a um sobrinho cuja dissipação o desesperava; ralhava com o pelintra, mas amava-o, que seu coração "ainda se conservava mais puro do que as suas drogas", preferindo-o mesmo a outro sobrinho, também muito caro, e muitíssimo mais sisudo; um major não sossega enquanto não desmente um boato desairoso para a sobrinha. Com a tia, que a tratava "como se fosse filha sua", vivia a Clarinha de "O caminho de Damasco", com um casal de tios a Lúcia de "Quem não quer ser lobo...". O Joaquim Fidélis, de "Galeria póstuma", tão ferino nos perfis dos amigos, quase só elogios reserva ao sobrinho, a quem lega a fortuna. "Sentiu-se renascer" a alma de um padre cuja sobrinha se cura de grave doença. Em "Eterno" conta o narrador como o tio, cansado de lhe pagar semestralmente as dívidas feitas na Corte, manda-o recolher à província natal, onde, "por mais que se quisesse fazer tétrico", o recebe com "o coração amigo". A heroína de "A senhora do Galvão" "teve uma tia que a educou com muita distinção."

De numerosos tios e tias nem se menciona elogiosamente o feito de acolher filhos de irmãos, como se tal encargo decorresse, obrigatoriamente, de sua condição. É o que acontece nos contos "Ex-cátedra", "A desejada das gentes", "Troca de datas", "Três consequências", "Pai contra mãe", "Maria Cora", "Jogo do bicho", "A herança", "Folha rota", "Questões de maridos". Já em "Casada e viúva" surge um tio "impertinente" e em "Frei Simão" um casal força a sobrinha a casar contra a vontade, não a querendo, porque pobre, para nora. Serão estes, e talvez o tio João que levou Brás Cubas adolescente a "uma ceia de moças", os poucos tios de conduta reprovável, visto como o de "Anedota pecuniária", se aceita compensação monetária pelo casamento das sobrinhas, é que as amava "com um amor de cão, que morde os estranhos", e o meio de

amansá-lo só poderia ser o usado pelos pretendentes; mas, avaro embora, as agasalhara em sua casa "com um alvoroço de namorado", esquecido das despesas exigidas por essa "paternidade de empréstimo", e, afinal, não as prejudicava a transação, mediante a qual as dava aos noivos por elas escolhidos.

O equilíbrio das famílias, diminuídas pela natalidade restrita e sobretudo pela pouca comunicação entre mães e filhos, como que se restabelece graças a esses numerosos colaterais, transbordantes de afeto, ou rigorosos, com as raras exceções apontadas, no dever de se substituírem aos pais mortos, e mortos, as mais das vezes, sem nenhuma vantagem para a história e suas personagens, com o fim evidente de permitir estabelecer a importância do parentesco oblíquo. Nos casos em que, como no *Brás Cubas* e no *Dom Casmurro*, aparecem irmãos de pais vivos dos heróis, vemo-los apreciados quase sempre em relação a estes, isto é, como tios. Irmãos funcionando como tais são poucos, e nem todos unidos, quando o são, por um sentimento normal.

Assim é que o Viana, de *Ressurreição*, dada a sua "libertinagem de espírito", torna em certos momentos suspeita de incestuosa a amizade que nutria pela irmã, a viúva Lívia. "Era bonita quando o senhor a viu", diz a Félix; "hoje está fascinante. Há ocasiões em que eu sinto ser irmão dela; tenho ímpetos de a adorar de joelhos. Com franqueza, assusta-me." Não seria entretanto sempre ameno o seu convívio, pois havia entre eles "um abismo. Eram dessemelhantes nos sentimentos, nos hábitos de viver, na maneira de pensar. Lívia tinha alternativas de afabilidade e rispidez", o que não impedia Viana, "acostumado às asperezas da irmã", de lhe cumprir "os desejos" como "ordens", e de nem admitir a possibilidade de ir sem ela à Europa, não obstante já "preparasse os beiços para ir saborear a vida parisiense". Há inegavelmente qualquer coisa de estranho nesse apego, que talvez entretanto nada tivesse de pecaminoso – pecado só de intenção, bem entendido, se acaso existiu – e nem mesmo correspondesse à realidade, podendo ser exagerado tão somente com o fito de acentuar as seduções de Lívia, para quem Félix seria um bom partido. Com efeito, apenas percebe o namoro, Viana põe-se a facilitar encontros, muda-se com a irmã para perto do amigo, procura não perturbar com sua presença os colóquios, tornando claro que desejava com ardor o casamento. Não seria aliás impossível conciliarem-se as duas atitudes, o amor que se sabia irrealizável comprazendo-se em mostrar-se fraterno, ajudado pelo feitio "metediço e dobradiço" do parasita. E é preciso não se esquecer de que, "casto por princípio e temperamento", ele

teria todavia "um secreto prazer se o acusassem de algum delito amoroso, e não defenderia com extremo calor a sua inocência, contradição que parece algum tanto absurda, mas que era natural." Também Escobar "tinha uma irmã que era um anjo, dizia ele", louvando a Bentinho a beleza e o caráter da menina, cujas cartas, "simples e afetuosas", lhe mostrava. A maneira por que é conduzido o episódio faz desconfiar de que pudessem ser encarecidos os elogios, a fim de transformar em cunhado o colega rico. "Escobar contava-me histórias dela, interessantes, todas as quais vinham a dar na bondade e no espírito daquela criatura; tais eram que me fariam capaz de acabar casando com ela, se não fosse Capitu", cuja existência ainda ignorava o moço que, morta a irmã, chegou a "afagar a ideia de convidar a segundas núpcias" a mãe de Bentinho – denunciando assim o seu feitio interesseiro.

Com todo o seu egoísmo, é mais natural Brás Cubas nas relações com a irmã. Brigaram por causa da herança paterna, mas com pesar do narrador: "Éramos tão amigos! Jogos pueris, fúrias de criança, risos e tristezas da idade adulta, dividimos muita vez esse pão da alegria e da miséria, irmãmente, como bons amigos que éramos." A reconciliação foi comovente: "Olhávamos um para o outro, com as mãos seguras, falando de tudo e de nada, como dois namorados. Era a minha infância que surgia, fresca, travessa e loura; os anos iam caindo como as fileiras de cartas de jogar encurvadas, com que eu brincava em pequeno, e deixavam-me ver a nossa casa, a nossa família, as nossas festas." "Chegou a chorar, e viu que os olhos dela estavam secos [...] Que importa? Era minha irmã, meu sangue, um pedaço de minha mãe, e eu disse-lho com ternura, com sinceridade." Sinceridade de que talvez não partilhasse inteiramente Sabina, daí provindo a sua menor emoção; pouco depois, Brás Cubas julga descobrir na sobrinha do cunhado, com quem o queriam casar, "o motivo da reconciliação".

Muito amigos, com uma boa e tranquila camaradagem, eram Aires e D. Rita, talvez por já serem velhos e experientes, talvez por não morarem juntos, evitando assim "a contradição, porque a irmã sabia inventar ocasiões de dissidência." Mas o livro em que aparecem pela primeira vez é o *Esaú e Jacó*, construído em torno da hostilidade entre os gêmeos, que seria, creio, aceita e explicada pelos psicólogos. A escolha do tema poderá entretanto ser tomada como sintoma de um certo pendor para acentuar os conflitos familiais.

Conflitos que, entre pais e filhos ou entre irmãos são mais frequentemente causados pelas mulheres, como mães e irmãs muitas vezes autoritárias, egoístas e caprichosas. Entre cônjuges, porém, a situação se inverte, a parte mais sensível e generosa é em regra a feminina. Há sem dúvida os casos de Virgília e Capitu, e alguns semelhantes nos contos, mas as levianas são vencidas, no cômputo total, pelas numerosas esposas enganadas e pacientes, a quem a elevação de caráter não "permitia outra coisa mais do que um procedimento altivo e calado." E, quando felizes, as mulheres adoravam, reverentes, os maridos. Fria com o filho, a mãe de Brás Cubas temia "as trovoadas e o marido. O marido era na terra o seu deus." A de Raquel, de *Ressurreição*, posto que amasse a filha, só colocava "acima das controvérsias humanas" a religião e o marido. Em nenhum casal se marcam tão nitidamente como no de Maria Benedita e Carlos Maria a submissão feminina e a convicção masculina da própria superioridade. No dia do casamento, ele pensava em "como *a tornaria* feliz! Já a antevia ajoelhada, com os braços postos nos seus joelhos, a cabeça nas mãos e os olhos nele, gratos, devotos, amorosos, toda implorativa, toda nada"; ela "via-se a si mesma, ajoelhada aos pés do marido, quieta, contrita, como à mesa da comunhão para receber a hóstia da felicidade. E dizia consigo: Oh! como *ele me fará feliz*!" Casados, Carlos Maria não gostava que a mulher proclamasse a sua felicidade: "Para que dizer que era feliz com ele, se não podia ser outra coisa? E por que divulgar os seus carinhos e palavras, as suas misericórdias de deus grande e amigo?" Sentindo-se "a serva do Senhor", Maria Benedita não tem, durante a gestação, a revolta de Virgília e Natividade; ao contrário, "acolhia o mal com resignação – se não é que o agasalhava com alegria", considerando-se "a si mesma, um templo divino e recatado, em que vivia um deus, filho de outro deus". Até em retratos davam os casais felizes essa impressão de vassalagem feminina. "O de minha mãe", descreve Bentinho, "estendendo a flor ao marido, parece dizer: Sou toda tua, meu guapo cavaleiro!" O de meu pai, olhando para a gente, faz este comentário: "Vejam como esta moça me quer..." Até o taciturno Luís Garcia "não casara por amor nem por interesse: casara porque era amado [...] mas a dedicação e o amor da esposa abriram nele a fonte da estima." E Lívia, que vira no amor conjugal "um êxtase divino, uma espécie de sonho em ação, uma transfusão absoluta de alma para alma", só encontra no marido "um sentimento moderado, regrado, um pretexto conjugal, sem ardores, sem asas, sem ilusões."

Há, todavia, exceções, notadamente a de D. Carmo, cuja "fortaleza [...] foi o cimento e a cal" que uniram "a alma de pedras soltas" de Aguiar, e que, "desde namorada [...] exerceu sobre ele a influência de todas as namoradas deste mundo, e acaso do outro, se as há tão longe"; mas o fato de ser Carolina o modelo confessado dessa senhora não permite confundi-la com as demais figuras femininas do autor, em cuja obra tem lugar à parte o poema do amor conjugal que é o *Memorial de Aires*. Também no *Esaú e Jacó,* entretanto, Santos e Natividade vivem em harmonia, alcançam a serena compreensão mútua que se dá quando "a longa vida conjunta acaba por fazer da ternura uma coisa grave e espiritual". E, no *Quincas Borba*, parecem entender-se bem, em pé de igualdade, Fernanda e Teófilo.

As mais das vezes, porém, os casamentos, mesmo quando "começam pelo amor [...] acabam pela estima", na melhor das hipóteses, sendo felizes os casais que souberam "substituir os fogos da paixão pela reciprocidade da confiança". E, em muitos casos, senão na maioria, o amor não era indispensável ao matrimônio, "condição de gravidade", meio de obter fortuna, posição política e consideração pública, tornando-se assim a vida conjugal "tão somente uma crônica: basta-lhe fidelidade e algum estilo." O jovem colaborador do *Jornal das Famílias*, ainda empapado de romantismo, já achava que "o casamento mais comum [...] é um encontro fortuito de hospedaria; apeiam-se à mesma porta, escolhem o mesmo aposento, comem à mesma mesa, nem mais, nem menos", embora devesse ser "a perfeita união de duas existências; e mais do que a união, [...] a fusão completa e absoluta."

Não a encontraram, essa fusão, senão raramente os casais que foi mais tarde criando, porque o amor, quando existia, era quase sempre unilateral. Ao lado de tantas esposas amantes e temerosas, há em seus livros umas poucas amadas; e entre os maridos apaixonados, que conseguem conciliar fervor e intimidade, estão os enganados. Lobo Neves "adorava a mulher; achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo." Para Bentinho, "Capitu era tudo e mais que tudo; não vivia nem trabalhava que não fosse pensando nela". Também Palha "gostava da mulher [...] até o ponto singular de publicá-la" e esteve a pique de ser traído. A infidelidade feminina tem de resto características muito diversas da masculina: "a mulher, quando ama outro homem, parece-lhe que mente a um dever, e portanto tem de dissimular com arte maior, tem de refinar a aleivosia; ao

passo que o homem, sentindo-se causa da infração e vencedor de outro homem, fica legitimamente orgulhoso, e logo passa a outro sentimento menos ríspido e menos secreto – essa boa fatuidade, que é a transpiração luminosa do mérito."

O que equivale a dizer que, por medo da opinião alheia, ou de Deus, ou do marido, e também às vezes por pudor e escrúpulos de consciência, a mulher tinha a noção do erro, obedecia a certas injunções morais, enquanto que o homem se sentia absolutamente livre, tendo por norma tão somente os próprios caprichos. Repousava assim o casamento, excepcionalmente, na dobrez e, comumente, na resignação femininas, não sendo por isso estranhável que as mães refletissem as frustrações das esposas e fossem por isso tão frequentemente egoístas e tirânicas, que as famílias denotassem em regra a falta daquilo que a Estácio parecia ausente da sua: "o gorjeio, a graça, a travessura, um elemento que temperasse a austeridade da casa e lhe desse todas as feições necessárias ao lar doméstico."

Lúcia Miguel Pereira